

A INFÂNCIA NO MST - DESAFIO ATUAL

Isabela Camini¹ - MST/RECID/CAMP/RS
Eixo 11: A Educação Infantil (do campo e da cidade).

Resumo: Nosso desafio, neste artigo, consiste em fazer uma leitura sobre o processo educativo e pedagógico que o Movimento Sem Terra (MST) vem realizando com a Infância. Sabemos que desde os primórdios da luta pela terra, encampada por este Movimento Social do Campo, as crianças não foram afastadas desta ação. As famílias, a princípio acampadas e, posteriormente, assentadas, não tinham condições e nem desejavam separar os filhos dos pais enquanto lutavam. Nesta perspectiva, trazemos um breve histórico desse processo construído, a origem das primeiras experiências com a infância Sem Terra e os aspectos desta proposta pedagógica, que procura garantir a formação humana desde a infância. Também apresentamos como são organizadas e como funcionam as Cirandas Infantis Itinerantes e as Cirandas Infantis Permanentes, assim como os principais desafios que o Movimento precisa enfrentar frente a esta realidade. Por fim, apontamos neste debate um olhar sobre a educação da infância Sem Terra, de modo especial, como vivem e como se relacionam as crianças nas comunidades acampadas. Pelas pesquisas, podemos afirmar que este Movimento tomou para si, há tempo, a questão da educação infantil, pois acredita na formação integral do ser humano e que esta começa na menor infância. Por isso, não descuidou desta fase da vida. Lançou o germe do cuidado da educação infantil, e hoje colhe frutos, vendo seus filhos adultos, militantes.

Palavras-chave: Infância. Ciranda Infantil. Educação Infantil do Campo.

Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST) tem 28 anos de história e está organizado em 24 estados da Federação. Há, atualmente, 350 mil famílias assentadas e 70 mil famílias ainda acampadas. Existem duas mil escolas públicas nos assentamentos e acampamentos, nas quais estudam 160 mil crianças e adolescentes. Estes números ainda são baixos se considerada a luta permanente deste Movimento Social do Campo, no que se refere ao direito à educação, especialmente a educação básica, no decorrer destes últimos anos.

No que diz respeito à educação infantil, carecemos de números exatos, mas sabe-se que a criança até aos 12 anos de idade vive próxima dos pais, seja nos

¹Setor de Educação do MST e RECID/CAMP/RS.

acampamentos ou assentamentos. Por isso, desde o início do Movimento, na década de 1980, elas ocuparam lugar importante nesta luta, forjando a criação de Cirandas infantis itinerantes e Cirandas infantis fixas, a depender da realidade. Entretanto, o cuidado que o MST assumiu com a sua Infância não é visto na mesma medida no âmbito da Educação do Campo. Há que se darem passos mais ousados e decididos neste sentido.

O projeto para a Infância no MST, questão de nosso estudo, está intimamente conectado com o seu projeto de educação e com o projeto de transformação social. Em seu bojo, está o ser humano, visto e respeitado em todas as dimensões da sua vida afetiva, intelectual, social, ética, estética, espiritual e temporal. Por isso,

a Ciranda Infantil é um espaço educativo, organizado com o objetivo de trabalhar as várias dimensões do ser criança Sem Terrinha, como sujeito de direito, como valores, imaginação, fantasia e personalidade em formação, vincular as vivências com a criatividade, a autonomia, o trabalho educativo, a saúde e a luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária, as mudanças sociais (MST, 2004, p. 37).

Tendo isto como pressuposto, as crianças sem terra aprendem desde cedo que “lutar e construir”, ao mesmo tempo, faz parte da vida cotidiana e da condição social na qual seus pais se encontram. Portanto, a especificidade deste projeto se expressa no respeito às diversas linguagens, no estímulo às brincadeiras infantis do campo, com intencionalidade pedagógica, no estímulo às artes visuais (desenho, pintura, colagem, modelagem), nas histórias infantis, no teatro e nas músicas.

Breve histórico

Para entendermos os desafios atuais a serem enfrentados pelo MST é importante vermos as medidas e iniciativas tomadas por ele no decorrer de sua história, principalmente em situações adversas da luta pela terra. Situações estas em que teve que enfrentar e inventar, quase sozinho, todo o cuidado, a educação e o ensino de suas crianças. Isto se deve, sobretudo, por falta de políticas públicas efetivas nesta área, para o campo.

A preocupação do MST com as crianças vem desde a sua origem, pois nas famílias camponesas, e mais ainda nas famílias Sem Terra, é costume as crianças viverem próximas, juntas de seus pais, pois não havia condições reais para separá-las do

convívio familiar. E se houvesse, é provável que, pelas características familiares que integram este Movimento, elas continuariam optando por ter seus filhos, próximos.

Assim, a presença e convivência das crianças sempre se deram de forma natural e espontâneos acampamentos ou assentamentos, junto com os adultos. Isto se confirma em dois depoimentos de pessoas, cuja presença era frequente junto às comunidades acampadas, sendo uma no Rio Grande do Sul e, outra, no estado do Pará, praticamente no mesmo período.

As crianças continuam por aí, pelos acampamentos e assentamentos dos Sem Terra, com seus olhinhos brilhando, com sua algazarra alegre, com sua perturbadora felicidade brotando do meio da miséria, com sua esperança sempre viva, com sua vivacidade esperta, instigando a consciência dos que têm coragem de se deparar com elas (CAMINI, 1999, p. 6).

Essas crianças partilham de um profundo sentimento de igualdade, porque a vida no acampamento não tem uma hierarquia muito forte. É muito participada. E esta é uma escola formidável para a realidade humana, pois produzem seus educadores, preocupações... Como é que vocês vão lidar com esta gente entranhadamente livre? Porque no Brasil, em geral os educadores, são muito conservadores!²

Estes depoimentos são importantes porque confirma o quanto estas crianças aprendem e se educam mutuamente na convivência com os adultos, à medida que não são afastadas desta convivência, mesmo em circunstâncias difíceis de tensões e conflitos, recorrentes de uma ocupação em área improdutiva, por exemplo.

No entanto, no início desta luta, a preocupação maior com as crianças se dava quando se aproximava a idade de irem para a escola obrigatória, pois, para as famílias sem terra, sempre foi forte a ideia de que seus filhos não poderiam viver fora da escola, repetindo-se o que ocorreu com seus pais. Todavia, o dilema se instalava porque as escolas convencionais, de estrutura física, ficavam distantes das comunidades acampadas, e não havia meios de transporte para levá-las. E, quando havia esta possibilidade, surgia outro problema mais sério e complicado: a estrutura desse modelo de ensino e o preconceito presente no conjunto da forma escolar usual, nas cidades ou bairros, muitas vezes discriminavam ou rejeitavam as crianças sem terra, por pertencerem e participarem da luta pela Reforma Agrária e, por isso, viverem itinerando de um lugar para outro. E, por parte do sistema de ensino, não havia a compreensão, e

²Pedro Tierra, em entrevista concedida à Isabela Camini, em novembro de 1998, no Instituto Cajamar, São Paulo.

tão pouco a vontade política, de se buscar na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), alguma brecha que sustentasse a criação de uma forma escolar diferente, para atender às crianças, cuja vida era itinerante.

Lembremos que no acampamento da Encruzilhada Natalino (RS), ainda na *pré-história* do MST, em 1981, houve um primeiro movimento de reunir as crianças e fazer um trabalho com elas, embora este espaço ainda não fosse chamado de escola, de ciranda, ou algo parecido. Todavia, algumas famílias que tinham parentes, avós ou tios, que se dispunha a cuidar delas para poderem frequentar a escola, estas eram deixadas com eles durante o período letivo. Esta realidade foi constantemente pensada e discutida pelas mães e professoras acampadas, estendendo-se, em seguida, para o conjunto do Movimento.

Portanto, a partir dessa necessidade concreta, surgiu a discussão e preocupação em torno da Educação Infantil no MST. Necessidade que forjou o Movimento a compreender que todos os filhos dos Sem Terra eram filhos também da grande Família Sem Terra.

Seguindo as primeiras iniciativas e experiências com a educação Infantil no MST, é que se foi construindo práticas pedagógicas mais coerentes e possíveis de atendimento às crianças. Podemos dizer que a sua realidade de exclusão do direito à escola forjou o Movimento a buscar alternativas junto às políticas públicas, como foi o caso do projeto da Escola Itinerante, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação do RS, em 1996. Seguindo esse exemplo, este projeto se expandiu para Santa Catarina, Paraná, Goiás, Alagoas e Piauí. Entre 1996 e 2008, em todas as Escolas Itinerantes criadas nos referidos estados, a educação infantil sempre esteve presente. Em muitos acampamentos, o primeiro barraco a ser construído era o da escola, dada a sua importância nestas comunidades. Caso em alguma ocupação esta prioridade não aparecesse, era necessário que ela fosse provocada pelas famílias, pelos educadores ou pelas próprias crianças e adolescentes. Isto é, havia a consciência plena desta necessidade, deste direito.

À medida que a Educação Infantil foi vista como responsabilidade do conjunto do Movimento, incluindo o Setor de Educação, Setor de Gênero e Saúde, o compromisso com a Infância tomou outro rumo. Em 2007, o Seminário Nacional do MST tratou a sua Infância como sujeito social, levando o desdobramento deste debate para os seminários regionais e outros espaços da luta.

Primeiras experiências com a Infância

No processo histórico que constituiu do MST, duas necessidades básicas deram origem e provocaram o Movimento a olhar para a Infância. A primeira se deu nos assentamentos, à medida que as mulheres começaram a participar, através dos grupos coletivos, das cooperativas e associações. A segunda se deu com a participação das mulheres na militância, quando se inseriram na organização local, participando de cursos formais, encontros de formação, das lutas e reuniões.

Porém, é importante observar que a questão central não era ainda a criança, mas as atividades e o envolvimento das mães no processo dessa luta, que impunham a necessidade de um espaço onde deixar os filhos com segurança. Isto foi determinante para a discussão em torno da importância da Educação Infantil.

Olhando para a história, identificamos que as primeiras experiências de creche no MST foram organizadas pelo estado do Ceará, bem no início da luta pela terra naquela região. Mas o debate sobre a necessidade de se organizar espaços especiais e adequados para as crianças surgiu no ano de 1996, com a turma cinco do Magistério, na Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa da Região Ceilão (FUNDEP), em Braga/RS. A partir desta turma, a temática sobre a Infância Sem Terra foi levada para uma reunião do Coletivo Nacional de Educação, criando-se a Frente da Infância – Educação infantil.

Esta iniciativa teve seu valor histórico porque dela se desencadearam, em nível nacional, debates e estudos sobre a questão da infância e levou o Setor de Educação a constituir um grupo de educadores para pensar e organizar a Educação da Infância no MST.

Na época, as referidas creches, denominação que o Movimento não continua a usá-la, passaram a ser chamada de Círculos Infantis, em referência a experiência cubana de ensino e educação da infância. Somente bem mais tarde, quando o debate já era latente no interior da Organização, preocupando e envolvendo pessoas, para além das mães, a decisão foi de denominar de **Cirandas Infantis**, os espaços de Educação Infantil.

Em meados de 2005, esta iniciativa tomou fôlego e reconhecimento em nível nacional, com a formação de 30 jovens (na turma *Salete Stronzak*) do Curso Normal de

Nível Médio, com ênfase em Educação Infantil, do Instituto de Educação Josué de Castro, em Veranópolis/RS.

Lembramos que a Ciranda Infantil, a princípio, foi pensada para atender a infância sem terra de 0 a 6 anos. Somente mais tarde entendeu-se que a Infância sem terra deveria ser vista até os 12 anos de idade. Neste sentido, sobre

(...) a experiência da Ciranda Infantil podemos afirmar que ela surge lado a lado com o debate de temas importantes como gênero, trabalho e coletividade. E mais, as Cirandas Infantis, no Movimento Sem Terra, já na sua origem, têm no seu horizonte a emancipação humana e a construção de um projeto de sociedade socialista (ROSSETO, 2009, p. 89).

Em seu estudo, Rosseto(2009) confirma o que já anunciamos: o projeto para a Infância no MST está intimamente conectado com o projeto de educação e com o projeto de transformação social a que este Movimento se propõe a lutar. Neste sentido, evidencia-se a importância desse processo educativo com a Infância acontecer próximo à comunidade acampada ou assentada, e com educadores que tenham identidade nesta luta. Não se encontra, na trajetória histórica do Movimento, falas de que a educação e ensino das crianças devam ser delegados ao Estado, somente. O Movimento, cuja pedagogia se encontra no bojo de suas lutas, quer e tem condições de participar deste processo. Quer estar junto porque tem o que dizer e colaborar sobre isso.

As crianças nos diferentes espaços da luta

A proposta pedagógica da Ciranda Infantil do MST é diferente das convencionais Creches, vistas como uma invenção urbana, proposta pelo Sistema de Ensino, e para poucos. Para o Movimento, uma Ciranda Infantil pode ser organizada em espaços improvisados e/ou preparados para esta finalidade. No entanto, a luta pela conquista de melhores estruturas deve estar presente em todos os momentos. O ponto de partida é organizar o atendimento às crianças nos espaços onde elas estão, seja no acampamento, assentamento, numa escola, ou em cursos de duração mais longa, nos quais os pais têm que levar as crianças junto.

Para reunir as crianças acima de dois anos utiliza-se espaços diversos, tais como: debaixo de uma árvore, no barraco de lona, com banquinhos e outros materiais improvisados. Porém, para desenvolver o cuidado com os bebês, é preciso uma estrutura

maior, melhor e mais segura. O importante é realizar o trabalho dentro das possibilidades existentes, sem perder de vista a necessidade de fazer a luta coletiva por políticas públicas, nos espaços e locais onde vivem, bem como a contratação e remuneração de educadores preparados e formados com este objetivo. Para entendermos como se dá o funcionamento destes espaços, é importante conhecer como eles se caracterizam:

Cirandas Infantis Itinerantes – é a Ciranda que acontece nos eventos e ações do MST. É itinerante porque está preparada e organizada para locomoção, com educadores organizados e dispostos a irem trabalhar, num determinado período, naquele local onde demanda se coloca. Um exemplo concreto da organização e do funcionamento desta Ciranda Itinerante tem se dado nas várias Marchas Nacionais ou Estaduais do Movimento. Aliás, esta participação vem se construindo como uma tradição.³

Ciranda Infantil Permanente – é um espaço educativo organizado e estruturado nos assentamentos, acampamentos e centros de formação e escolas do MST. Seu tempo e local de funcionamento dependerão das condições da realidade, da demanda e da necessidade do público a ser atendido.

Temos algumas experiências já consolidadas, como a Ciranda Infantil Pequeno Colibri, ligada ao Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), na cidade de Veranópolis/RS. Esta ciranda infantil, criada em 1997 junto com a primeira turma de magistério desta escola, existe até os dias atuais e atende aos filhos dos pais e mães que estudam nos cursos de ensino médio e superior, vindos de dez a doze estados do país, e dos filhos dos trabalhadores rurais locais. Quanto aos educadores, há uma coordenação local, do próprio Instituto, e outros educadores, cujo tempo é alternado entre tempo escola e tempo comunidade, conforme a organização de cada curso. As condições materiais são por conta da referida Escola.

³Sobre esta Marcha, há dois registros importantes: o livro *Marcha ao Coração do Latifúndio*, de Frei Sérgio Görgen. RJ: Vozes, 2004; e *Caderno do ITERRA*, número 8 – Alternativas de Escolarização de Adolescentes em assentamentos e acampamentos do MST, 2003. Também, no Encontro Estadual do MST/RS de dezembro de 2003, a Escola Itinerante recebeu do próprio Movimento Sem Terra o prêmio “Paulo Freire”, de luta pela terra – como Escola destaque na marcha a São Gabriel/RS. É importante registrar que, durante esta marcha, as crianças escreveram uma carta ao Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Uma educadora, que esteve presente neste momento, relatou-me o conteúdo, já que não a encontramos arquivada no Setor de Educação. Assim, disse-me a educadora: “*Eram dias de muita chuva e vento. Nós não sabíamos mais o que fazer para poder dar aula. As crianças estavam inquietas porque não havia ambiente para funcionar a escola. Então, decidimos contar isso para o Lula, pedindo que agilizasse a Reforma Agrária. Contamos que nossos materiais da escola itinerante estavam todos molhados, e que nessas condições era impossível continuar vivendo.*” Marli Z. de Moraes, em entrevista concedida a pesquisadora no dia 17 de outubro de 2007).

Destaca-se que o primeiro Centro de Educação Infantil público, dentro de uma área de assentamento do MST, destinado ao atendimento de crianças de um seis anos, começou a funcionar em 2004, no Assentamento Integração Gaúcha, no município de Eldorado do Sul. A iniciativa foi das mulheres, que desencadearam a luta para que esta instituição fosse conquistada. Chama a atenção quando, na época, o Prefeito perguntou a elas: “para que colônias precisam de creche”? Sua interrogação deu a entender que, como mulheres assentadas “não trabalhavam fora”, elas poderiam muito bem cuidar das suas crianças.

Como o Movimento está organizado em 24 estados do país, temos também a Escola de Educação Infantil, anexa à Escola Municipal de Educação Básica, Crescendo na Prática, no assentamento Palmares, município de Parauapebas, estado do Pará. Atualmente, esta escola de educação infantil atende a 159 crianças, de 4 e 5 anos de idade, provenientes dos assentamentos próximos, e de famílias vizinhas da própria cidade.

Neste percurso, encontramos várias e diferentes experiências de Cirandas Infantis Itinerantes, organizadas e desenvolvidas em circunstâncias adversas. Sinais visíveis que o Movimento foi sensível e ousado no que se refere à Infância na luta. Ele não se acomodou frente à realidade e as contradições com as quais se confrontou, e ainda se confronta. Os desafios a ele colocados foram enfrentados com mística e militância, por uma causa maior, e por um novo horizonte social. Por isso, a improvisação de espaços para que seus filhos pudessem participar das lutas não lhes custou sacrifício.

A seguir, identificamos algumas das cirandas mais importantes, por ordem cronológica: *Ciranda Infantil Nacional* - organizada no Primeiro Encontro Nacional de Educação e Reforma Agrária (ENERA), em 1997, com 80 crianças de todo o país. *Ciranda Infantil Itinerante* - organizada no IV Congresso Nacional do MST, em 2000, com 320 crianças, vindas de 23 estados. Este se tornou um marco na história da Educação Infantil, que se espalhou para todos os estados. *Ciranda Infantil Itinerante - Marcha Nacional*, em 2005, e *Escola Itinerante - Pezinhos na Estrada*, Goiânia a Brasília, 130 crianças. *Ciranda Infantil Itinerante Paulo Freire* - V Congresso Nacional – Brasília, em 2007, com a presença de 1.000 crianças, de zero aos 10 anos. Trezentos educadores atuaram nesta Ciranda. *Cirandas Infantis Itinerantes* - No acampamento da Via Campesina, Brasília, em 2009 e 2011. Participação de 100 crianças em cada uma,

com cerca de 30 educadores.

Salientamos também que, nas Escolas Itinerantes organizadas nos acampamentos, de modo especial a partir de 1996, quando esta forma escolar foi reconhecida legalmente pelo Conselho Estadual de Educação do RS, havia um espaço para a educação infantil de 4 e 5 anos. Esta iniciativa foi levada para as Escolas Itinerantes dos estados do Paraná, Santa Catarina, Goiás, Alagoas e Piauí. Portanto, percebe-se que o Movimento tomou para si, embora com muito custo, a questão da educação infantil. Nesta caminhada, a Frente de Educação Infantil, composta por educadores do MST, tem sistematizado seus principais desafios enfrentados nesta área, e dos quais não podem desistir:

- . Ampliar a discussão sobre a necessidade da EI;
- . Lutar por políticas públicas para a EI do campo;
- . Lutar contra a exploração do Trabalho Infantil;
- . Questionar-se sobre o papel e o espaço da criança na luta pela RA;
- . A educação das crianças como tarefa da família e da comunidade; e
- . Formação permanente dos educadores infantis do campo.

Para atingir estes propósitos, foram pensadas algumas linhas políticas de ação, tais como:

- . Impulsionar a formação dos educadores infantis nos estados e regionais;
- . Socializar as práticas de implementação das Cirandas Infantis e Permanentes; e
- . Elaborar materiais pedagógicos que ajudem a desenvolver a pesquisa e a formação de seus educadores infantis.

As crianças que vivem em acampamentos e assentamentos são filhos de todos e, portanto, a responsabilidade de educá-los é coletiva. A Ciranda Infantil é um espaço educativo da vivência de ser criança Sem Terrinha, de brincar, jogar, cantar, cultivar a mística, a pertença ao MST, os valores e a construção de uma nova geração. A partir de então, tornou-se cultura nas mobilizações, encontros, reuniões e cursos, envolvendo todos os setores internos, a presença das crianças. O desafio é melhorar o atendimento a elas nestes espaços, sejam permanentes, sejam itinerantes, pois o lugar da Criança no MST é no próprio Movimento.

Por isso, é preciso reeducar constantemente o olhar sobre a criança, como ser humano. Ter a clareza de que Criança é criança e não projeto de adulto. É preciso alargar o imaginário de nossa organização sobre a infância, como sujeitos de direitos,

fazendo lutas políticas nas prefeituras para exigir espaço físico e educadores qualificados para atendimento das crianças de zero a 06 anos, bem como a garantia de Cirandas Infantis Permanentes em nossos assentamentos.

É preciso educar pelo e para o cuidado, a sensibilidade e a afetividade; redefinir as responsabilidades com as crianças: a família, a sociedade, o Estado, o movimento social, a comunidade, o coletivo local; pensar a relação capitalismo, modernidade e as crianças; e politizar, criando espaços de discussão sobre a família e a criança, com os pais, famílias, comunidade e educadores, para entender e melhorar nosso jeito de educar e cuidar de nossa Infância.

Precisamos reconhecer (na prática, nosso discurso ideológico), que temos diferentes formas de família em nossa base; que a Educação de nossas crianças tem que contribuir com a sua humanização; que temos que investir na formação de nossos educadores.

Para que isto venha acontecer, o coletivo responsável pela Educação Infantil no MST busca, permanentemente, conhecer, estudar e se apropriar da legislação brasileira sobre a Infância, tais como: a Constituição Federal de 1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente, n. 8.069/90; a Lei sobre Sistema Único de Saúde (SUS) n. 8.080/90; a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) n. 8.142/93; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96; as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo n. 10.172/2001 e CNE/CEB n. 36/2001 e, por fim, as Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo (2010).

A criança no MST

No decorrer de muitos anos, acompanhando a criação e funcionamento das Escolas Itinerantes nos estados referidos acima, encontrei-me com uma realidade peculiar no que diz respeito à vida cotidiana e a forma e participação das crianças nas áreas de acampamentos.

O que constatei é que a infância é reconhecida, acolhida e aceita neste meio. As crianças, em geral, sabem tudo o que acontece no acampamento. De forma espontânea, elas convivem com os adultos, ouvem e participam das conversas informais, reuniões dos núcleos de base e celebrações de místicas. Conhecem e chamam as pessoas pelo nome. Sabem qual é

seu barraco, quem são seus melhores amigos e quantas crianças estão para nascer. Fazem amizades com facilidade e logo viram companheiras.

Brincam e inventam brincadeiras, porque ali não há nada pronto, pré-fabricado. Elas mesmas precisam pensar, planejar, fabricar e construir seus próprios brinquedos e brincadeiras. É interessante perceber a relações de confiança estabelecidas entre as crianças menores e as maiores, pois, quem sabe alguma coisa, ensina e quem não sabe; esse/a aprende e, logo, ensina aos outros. Trocam muitos saberes e fazeres, assim como refazem seus aprendizados.

Em minha observação, entendi que quando um brinquedo exige conserto, elas mesmas necessitam saber recuperá-lo, ou buscam ajuda de um adulto. A criatividade corre solta quando brincam de imitar o que os adultos fazem: a mística, a assembléia, as ocupações, as reuniões dos núcleos de base, as aulas, o jeito de o educador começar a aula, a fala de um acampado, o discurso de um político. Enfim, este se constituiu em um espaço permanente de ensinar e aprender coletivo. Quando brigam entre si, logo fazem as pazes e caminham juntas. Neste sentido, ouvi na Escola Dandara, na Fazenda Guerra, no município de Carazinho/RS, um pensamento muito significativo: “a vida, aqui, tem um novo sentido”. Este pensamento é de um menino acampado, conhecido entre os colegas por “Vida”.

Pela experiência em minha pesquisa, que teve como intuito entender se a Escola Itinerante do MST se constituía um contraponto à Escola Capitalista, e principalmente pelo tempo em que observei a vida cotidiana dos moradores em comunidades acampadas, deixo aqui meu testemunho: em geral, as crianças sem terra são felizes e corajosas, e sabem explicar porque se encontram nesta condição, a de luta pela Reforma Agrária. Ali, não estão sozinhas e nem abandonadas. Elas gostam da Escola Itinerante e da Escola do Assentamento, porque são importantes para a sua vida. Sua forma e conteúdo específicos lhes falam da vida real que passa ao seu redor, da realidade concreta. As crianças menores, de modo especial, têm a capacidade de despertar e acordar em alguns adultos a coragem adormecida, quando cantam o Hino do Movimento, o Hino Nacional ou, quando puxam um grito de ordem.

A Infância no MST tem lugar, é ouvida, é acompanhada.

Bibliografia

BIHAIN, Neiva Marisa. *A trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação. Porto Alegre/RS, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *História do menino que lia o mundo*. São Paulo: MST, 2001.

CAMARGOS, Márcia. *Semente de letra*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CAMINI, Isabela. *Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola*. São Paulo: Expressão Popular, 2011. (1ª reimpressão).

CAMINI, Isabela (Org.). *Estórias de Rosa*. Setor de Educação MST. Peres/SP, 1998.

_____. *Crianças em Movimento: as mobilizações infantis no MST. Coleção Fazendo Escola n.2*. Setor de Educação do MST. Peres/SP, 1999.

CAMPOS, Cristiane. *Educação Infantil pública: uma ferramenta para ampliar a autonomia de mulheres-mães de reforma agrária*. [s/l], 2006.

CONGRESSO. *Escola Itinerante Paulo Freire e V Congresso do MST: Reforma Agrária: Por Justiça Social e Soberania Popular*. Brasília, 2007.

ENTREVISTA. Pedro Tierra, em entrevista concedida à Isabela Camini, em novembro de 1998, no Instituto Cajamar, São Paulo.

ENTREVISTA. Marli Z. de Moraes, em entrevista concedida à Isabela Camini, em outubro de 2007, Rio Grande do Sul.

FREIRE, Alípio (*et alii.*). *Contos brasileiros*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FÓRUM Nacional de Educação do Campo. *Manifesto à Sociedade brasileira*. Brasília, 2012.

MST. *Caderno da infância no MST n.1*. Debatendo a infância no MST, 2011.

MST. *Caderno de Educação no MST n.12*. Educação Infantil, movimento da vida, dança de aprender. MST, 2004.

MST. *A Infância e a criança no e do campo*. [s/l], 2006.

MST. *A Infância no MST*. [s/l], 2010.

RELATÓRIO da Ciranda Infantil e Escola Itinerante: Pé na Estrada Marcha Nacional, 2005.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. *Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST*. Dissertação (Mestrado em Educação), 2009. Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação. Campinas/SP, 2009.

SILVEIRA, Maria José. *Um fantasma ronda o acampamento*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.